



Os Grupamentos Virtuais de Candomblé e as Regras de Convivência na Rede¹

Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos¹

PROAFRO-UERJ / ESCM / UGF / UNESA

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar a presença dos "grupamentos virtuais" de adeptos e simpatizantes do Candomblé nas redes digitais. Buscou-se pensar as novas mediações promovidas pelas novas formas comunicacionais, existentes no campo religioso que vão sendo transformadas, na contemporaneidade, por suportes tecnológicos que priorizam a linguagem e os pequenos grupos, marcando a partir da supressão do corpo e da presença, mudanças nas relações de temporalidade, espacialidade, alteridade, vinculação e subjetivação. Também buscou-se questionar a validade da expressão comunidade virtual, à qual propõem-se a expressão "grupamento virtual". Observou-se a fragilidade das relações emocionais e de alteridade na rede. A esta questão atrelou-se como problemática o aspecto confusional do pequeno grupo, os conflitos entre religiões e entre visões de mundo diversificadas.

PALAVRAS-CHAVES: CANDOMBLÉ / VIRTUALIDADE / COMUNIDADE

A disseminação dos "grupamentos virtuais" no ciberespaço parece colocar em dúvida a idéia trágica de que a Internet seria uma via de exacerbação do individualismo. Por outro lado, a aposta utópica de plena realização do homem na virtualidade mostra-se igualmente inconsistente, pois a técnica não anula o princípio da necessidade da presença, bem como da vinculação e de comunidade.

¹ Trabalho apresentado no NPO8 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



"Sem comunidade, toda a percepção (do fenômeno no espaço) está separada das outras e a cadeia das representações empíricas, ou seja, a experiência, começaria desde o princípio em cada novo objeto, sem que a precedente pudesse estabelecer com ela a mínima ligação ou encontrar-se com ela numa relação de tempo." (KANT, 1997, p.234)

A diversidade dos suportes tecnológicos não anulam o espírito gregário do homem, mesmo que incrustados em “*universos incorporais*” – expressão de Guattari (1992, p.169) ao referir-se à desterritorialidade do ser humano contemporâneo. Afirmam-se as questões ontológicas quanto ao “lugar” do homem no ciberespaço e do sentido de ser na ausência do corpo.

"(...) todos os fenômenos, no nosso espírito, enquanto incluídos numa experiência possível, têm de encontrar-se em comunidade (communio) de aprecepção, e para que possam ser representados como ligados, existindo simultaneamente, têm que determinar reciprocamente o seu lugar num tempo e constituir, desta sorte, um todo." (KANT, *op.cit.*,p.235)

Por sua vez, as relações de alteridade colocam-se como fatores determinantes dos sentidos de vinculação e mediação em face do outro, do heterogêneo, do múltiplo, do diferente, de reciprocidade. Também não há aqui um lamento pela comunidade perdida (FERNBACK, 1999, P.207).

"(...) para que esta comunidade subjectiva assente num fundamento objectivo, ou se refira aos fenômenos como substâncias, é necessário que a percepção de uns torne possível, como fundamento , a

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. Pesquisador do Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



possibilidade da percepção dos outros e, reciprocamente, para que a sucessão, que está sempre nas percepções como apreensões, não sejam atribuídas aos objectos, mas que estes possam ser representados como simultaneamente existentes. Isto, porém, é uma influência recíproca, ou seja uma comunidade (*commercium*) real das substâncias, sem a qual não poderia verificar-se na experiência a relação empírica da simultaneidade." (KANT, *idem*)

Na mesma medida, estão a verdade, o saber e o poder, como conteúdos ideológicos pregnantes da interconexão, enquanto condição fundamental das relações nos "grupamentos virtuais". Para Pierre Lévy, (1999, p.127) as "comunidades virtuais" são construídas...

“(...) sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”.

Entretanto a expressão "comunidades virtuais" não se mostra satisfatória. Relações de afinidades por interesses comuns, conhecimentos, projetos mútuos, podem dizer respeito a grupamentos esporádicos, à constituição de roupagens e estilos de performance social, tão efêmeros quanto os modismos. Para Ricardo Freitas (2001, p.39) "*a taticidade contemporânea leva à agregação indiferenciada, que minimiza o individualismo característico das sociedades ocidentais*". Ao introduzir o conceito de *socialidade*, Michel Maffesoli (1998, p.108) também esclarece que:

"(...) a pessoa (*personna*) representa *papéis*, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa.



Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*."

Toda comunidade é marcada por um princípio de controle. "A comunidade virtual, tal qual a tradicional, impõe a si mesmo aparatos fiscalizadores e normatizadores responsável pelo controle sobre os seus membros" (PAIVA, 2001, p.61). Nesse sentido cabe considerar a raiz da palavra comunidade - *munus* -, indicando o que está submetido aos encargos, aos serviços, aos impostos e obrigações (DERRIDA, 2000, p.61). Portanto, ao controle. Para Raquel Paiva (*idem*) "(...) o controle na comunidade tradicional dava-se de forma direta e sobre um conjunto de atitudes. No caso específico da comunidade virtual, as regras de conduta incidem apenas sobre a fala." Paulo Vaz (1997, p.203) também observa que a "descrição que os membros das culturas tradicionais, míticas, davam de si mesmos e do mundo era sempre mediada pela pertinência a um nós de uma dada comunidade. Já a cultura ocidental surgiu inquieta com a partição nós-eles."

"A palavra *Gemeinschaft* (comunidade) tem dois sentidos na língua alemã e tanto pode significar *communio* como *commercium*. Servimo-nos dela neste último sentido, como comunidade dinâmica, sem a qual a comunidade local (*communio spatii*) nunca poderia ser conhecida empiricamente." (KANT, *op. cit.*, p.234)

A proposta fundamental a partir destas colocações é pensar a inserção dos grupamentos religiosos na rede - especificamente os grupos de adeptos do Candomblé na virtualidade. Tais grupos se constituem segundo a construção de uma idéia de pertença a uma Religião enquanto "comunidade moral"². Esses laços de afinidade parecem distinguir-se

² Ver DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



dos princípios que estabelecem os vínculos entre os membros das comunidades-terreiro – especialmente por seu caráter local, corporal, iniciático, mítico e oralizado. Assim sendo, Exú é a divindade mantenedora do "*munus*", princípio do controle e tributação na comunidade. Um de seus epítetos o define como o "*Senhor poderoso e inflexível no céu, grande coletor de impostos das cidades*" (OLIVEIRA, 1995, P.11).

Com base nas idéias de interconexão, vinculação e mediação, far-se-á um breve estudo de caso acerca da questão da alteridade num "grupamento" de Candomblé na Internet. O objeto desta análise se processa em decorrência da chegada a um dos fóruns pesquisados de uma jovem paulista, judia e artista plástica, e a sucessão de conflitos gerados com a sua presença.

Seu nome é Hannah³. Em sua primeira apresentação, Hannah revela sua origem: filha de um pai judeu e de uma mãe convertida pelo Rabino Henry Sobel. Sua família não pratica o judaísmo. Relata que no sítio em que moravam sua mãe tinha o costume de oferecer cigarros e cachaça a uma entidade que ela supõe ser um Preto-Velho. Conta ainda que possui curiosidade sobre as religiões afro-brasileiras, mas que também sempre teve um certo medo. Demonstra estar em busca de uma aprendizagem, de um conhecimento acerca de algo que lhe parece misterioso. Hannah conta ainda que:

“Depois de ler um pouquinho sobre as diferenças entre Umbanda e Candomblé, resolvi me inscrever nessa lista para aprender mais, e descartei a Umbanda, pois não gosto de espiritismo, quero algo afro mesmo, sem esse tipo de influência. Gostaria de saber se alguém pode me indicar um local aqui em São Paulo onde eu possa ir para assistir uma comemoração, e conversar com alguém que possa me ensinar o básico”.



A jovem judia manifesta ser alguém que está a procura de um caminho espiritual: “*Estou em busca de uma religião onde eu realmente me realize espiritualmente*”. Hannah chega a este "grupamento virtual" através de uma das muitas *home pages* sobre Candomblé disponíveis na Internet.

"Uma vez que a comunidade tradicional não existe mais, aquela forma de grupo que agregava o indivíduo, absorvendo-o em seu lazer, profissão, religião, já não vigora. Em seu lugar ergueu-se uma diversidade de grupos que o indivíduo frequenta, participa, descentralizando seus múltiplos interesses. Os agrupamentos são distintos e não poderia ser de outra maneira, já que a sociedade apresenta-se marcada por outras relações, principalmente as econômicas."
(PAIVA, 1998, P.18)

Paradoxal é pensar numa expressão mágico-religiosa, cuja descoberta, experiência e iniciação se dão tradicionalmente pela presença do corpo, e em face da abertura tecnológica na virtualidade aconteça na sua ausência. Parece haver uma exacerbação do sentido da Religião em detrimento da Religiosidade, traduzindo-se numa busca de saber e não de vivência, em seu sentido ritualístico.

A chegada da nova componente do grupo revelou um surpreendente poder de revolver mazelas submergidas no emocional coletivo. Imediatamente à apresentação de Hannah, uma estranha mensagem enviada por Ominíbu - uma filha de Oxum – questiona porque ela não continua sendo judia ou não se submete a viver num *kibboutz*. Ominíbu até então era uma das participantes mais antigas do grupo, e também uma das pessoas mais afáveis e afetuosas.

³ Omiti o nome verdadeiro das personagens para evitar a exposição das mesmas.



A moderadora do fórum virtual - uma ialorixá paulista, também de Oxum - indaga a Ominíbu o porquê de sua forma impertinente de se referir a Hannah. A partir deste momento, as reações de Ominíbu contra a jovem judia se intensificam:

“(...) conheço uma mãe de santo judia. Só que ela é hermafrodita, gentil, fina e muito educada, mas rouba que nem ela só. Acho que vem da própria raça, não é mesmo? Brincadeiras (nunca falei tão sério) !!! E por que vocês querem se misturar a nós? Já pensou se o Rabino fica sabendo? Que papelão!!! Shalom ... Ah, sim!!! Ia me esquecendo de falar que conheço bem a colônia, pois fui casada com um judeu durante 10 pequeninos anos e, é claro que fui rejeitada o tempo todo. Este preconceito me doeu muito; aliás todo preconceito dói muito. Vocês não acham? Mas espero que se realizem com o nosso folclore aqui!”

Mediante tais colocações, a moderadora do grupo adverte mais severamente Ominíbu, e a acusa de mal educada e racista. Busca-se utilizar de modo efetivo os recursos pedagógicos da rede. Sendo assim, sucedem-se diversas mensagens: algumas de caráter contemporizador, e outras, manifestando indignação. É interessante observar que a partir da intervenção da moderadora do "grupamento virtual", os discursos que se constroem em torno do conflito gerado pelas colocações de Ominíbu ganham novos contornos. Todas as mensagens passam a ter um cunho ideológico de combate ao racismo. Portanto, observa-se um deslocamento das questões da disciplina e das normas de convivência para uma “epidemia emocional” anti-segregacionista.

Provavelmente, o problema gerado por Ominíbu não passou de uma idiosincrasia, oriunda da experiência traumática de um casamento fracassado. A personagem ainda não conseguiu superar os traumas de ter sido rejeitada pela colônia judaica, e transferiu os seus rancores para um “bode expiatório”, cuja única “culpa” é ser de origem hebraica. Na realidade, Ominíbu também sente-se vítima do racismo, e não percebe a sua atitude como preconceituosa.



“Olha, dona moderadora, racismo eu teria se fosse uma muçulmana. Mas como sou do santo, iniciada para uma deusa de nome Oxum Opará, me vejo à vontade de te dizer que você não tem o direito de gritar comigo, em primeiro lugar. Sempre te tratei de uma maneira muito carinhosa e respeitosa também. Sei que este fórum é aberto a qualquer um, mas como sei como os judeus procedem, não me vi na obrigação de ser amável com quem sempre vem com segundas intenções. Quero que (...) seja feito o meu desligamento do [fórum], e que a senhora faça bom uso desta raça!!!”.

Nos "grupamentos virtuais" não considera-se a idéia de rejeição ao novo por si só. Para Ricardo Freitas (*idem*) "*a fusão dos grupos se baseia menos na sua razão do que no 'clima de afeto' que ela proporciona. (...) Os diferentes grupos atraem-se e rejeitam-se de acordo com os valores minúsculos que compartilham*". Por outro lado, os princípios de cibercidadania e de democracia na rede marcam teoricamente o princípio de aceitação do outro, até o momento de transgressão de alguma norma. Pierre Lévy (*op. cit.*, p.128) observa que "*(...) os participantes das comunidades virtuais desenvolveram uma forte moral social, um conjunto de leis consuetudinárias – não escritas – que regem suas relações*".

Ominíbu decide retirar-se do grupo, dando desfecho à situação. No entanto, o estigma do conflito mostra-se bastante forte e mobilizador. As marcas deixadas pelo outro parecem ultrapassar o gesto de escrever “unsubscribe” – ato simples de desligamento de um "grupamento virtual". A decisão da agressora surge como a medida de alívio do grupo, pela via da extirpação do elemento desagregador. No rito de desligamento de Ominíbu, diz-lhe a moderadora que "*(...) procure um psicólogo, porque paranóia não se tira com ebó e nem com feitura de santo. Se a senhora não consegue esquecer o seu passado, deveria procurar alguém que a ajude a fazer isso. O candomblé não tem solução para todos os problemas*". Em tese, a exclusão assume um caráter pedagógico e retificador da harmonia do grupo. O primado das regras morais do



fórum assemelha-se a uma reapropriação do imperativo categórico na rede. Deletar o transgressor é um dever, mesmo que em detrimento dos vínculos de afeição e amizade.

No entanto, é interessante observar que em face do incidente relatado, instaura-se uma forte carga emocional entre os participantes do "grupamento virtual". A partir do conflito, cria-se um grande rito confessional, mais semelhante a uma espécie de catarse. Brancos contam seus relacionamentos amorosos com negros. Negros relatam suas histórias enquanto vítimas do racismo. Homossexuais revelam suas preferências e expõem os preconceitos sofridos. Em nome de uma pseudo-tolerância, várias micro exclusões emergem. Há quem se valha de lugares comuns, acusando os negros de serem mais preconceituosos do que os brancos. Outros evocam genealogias pluri-étnicas para sustentarem suas posições pessoais de aceitação do outro, e para contarem sua própria história. Defende-se o Candomblé como uma expressão religiosa, patrimônio dos negros, antes mesmo de ser brasileira. Alardeia-se o branqueamento do Candomblé como um terrível mal ou uma usurpação. Tais verdades e maniqueísmos certamente não consideram que a História do Brasil sempre oscilou entre o conflito e a transigência (SANTIAGO, 1999).

Os discursos hesitam entre o repúdio ao sectarismo e o exercício da auto referênciã. Afirma-se o ideário do Candomblé como espaço de absoluta aceitação do outro, do diverso, do heterogêneo, do múltiplo. Decerto mais uma das ficções construídas em torno da utopia da comunidade perfeita, numa negação das contradições e das exclusões que também florescem nos pequenos grupos.

Apesar dos discursos de afirmação do princípio de solidariedade na rede, as relações de alteridade encontradas nos "grupamentos virtuais" manifestam os contextos conflituosos entre visões de mundo diferenciadas e a diversidade cultural humana. O caso relatado contextualiza aquilo que Michel Maffesoli classifica como o "*aspecto confusional do pequeno grupo*". Pierre Lévy (*idem*) observa ainda que:

“A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, que podem exprimir-se de forma bastante brutal nas contendas oratórias entre membros ou nas flames durante as quais diversos membros ‘incendiam’



aquele ou aquela que tenha infringido as regras morais do grupo”.

É plausível pensar a constituição dos "grupamentos virtuais" com base na concepção elaborada por Michel Maffesoli, a partir do conceito de “comunidade emocional” analisado por Max Weber⁴. Distingue-se na atualidade apenas a transposição destes grupos de um caráter local para o global. Diz Maffesoli (1998, p.18) que:

“(...) a ligação entre a emoção partilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas, bem sólido. Trata-se de uma modulação permanente, que, tal como fio condutor, percorre todo o corpo social. Permanência e instabilidade serão os dois pólos em torno dos quais se articulará o emocional”.

A questão é o tênue suporte sobre o qual repousa a sociabilidade e o equilíbrio nos "grupamentos virtuais". Mesmo partindo dos novos suportes tecnológicos, os relacionamentos humanos não anulam as tempestades dos sentimentos, das emoções e das susceptibilidades do homem em face do outro.

REFERÊNCIAS:

BENVENISTE, Émile. **O Vocabulário das Instituições Indo-Européias (Vol. II): Poder, Direito, Religião**. Campinas: Unicamp, s/d.

⁴ Weber considera as seguintes características: o aspecto efêmero, a ‘composição cambiante’, a inscrição local, ‘a ausência de organização’ e a estrutura cotidiana. Ver “O Tempo das Tribos” (p.17).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

DERRIDA, Jacques, VATTIMO, Gianni (orgs.). **A Religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O Imaginário: Ensaio acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FREITAS, Ricardo, PIZA, Rafael. "Sobre Condomínios Fechados: As Fronteiras do Lazer nos Espaços Contemporâneos. In VILLAÇA, Nízia, GÓES, Fred (orgs.). **Nas Fronteiras do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

FERNBACK, Jan. "There Is a There There: Notes Toward a Definition of Cybercommunity". In JONES, Steve. **Doing Internet Research**. New York: Sage Publications, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

OLIVEIRA, Altair Bento. **Elegun: Iniciação no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. "*Newsgroups: O Espírito Comunitário na Rede*". In VILLAÇA, Nízia, GÓES, Fred (orgs.). **Nas Fronteiras do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SANTIAGO, Jairo da Costa. **Candomblé, Comunicação e Mito: A Sobrevivência da Religiosidade Afro-Luso-Brasileira** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: ECO / UFRJ, 1999.

VAZ, Paulo. **O Inconsciente Artificial**. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.